

Algumas reflexões sobre pandemia e filosofia no Brasil

Some reflections on pandemic and philosophy in Brazil

Eduardo Brandão*

Resumo: Este artigo busca extrair algumas consequências da pandemia da covid-19 para a filosofia no Brasil. A partir de algumas questões que a doença levanta para a humanidade e para o país busca-se identificar algumas tarefas inerentes à reflexão filosófica, ao mesmo tempo em que se pretende apontar o que essa situação coloca como novo e urgente para a filosofia no Brasil.

Palavras-chave: Pandemia; Filosofia; Brasil; Humanidade; Governo

Abstract: This article seeks to extract some consequences of the covid-19 pandemic for philosophy in Brazil. Based on some questions that the disease raises for humanity and for the country, we seek to identify some tasks inherent to philosophical reflection, while trying to point out what this situation poses as new and urgent for philosophy in Brazil.

Keywords: Pandemic; Philosophy; Brazil; Humanity; Government

Talvez desde a segunda guerra mundial a humanidade não se encontre diante de uma situação que nos mobilize tanto. A pandemia do coronavírus parece ser uma espécie de marco, um ponto de transição. Ao atingir a maioria dos países, parece colocar o futuro numa espécie de encruzilhada, com vários caminhos que se anunciam. Não é raro ouvir o anúncio de fim de uma era: seja do capitalismo, seja da democracia liberal, seja do próprio mundo tal qual o conhecíamos. Em suma, há uma espécie clima de mudança – para não dizer de fim de festa – no ar.

A pandemia tem algumas características que a tornam uma situação privilegiada para esse sentimento. De um lado, ela é algo inesperado, é um fenômeno que, não obstante a participação humana (tanto na deflagração, quanto no controle e na disseminação da doença), no essencial se deve à natureza¹. Por exemplo, uma guerra, mesmo de proporções mundiais, pode a princípio ser parada a qualquer momento – é resultado da ação de seres humanos. O mesmo raciocínio vale para outra situação – controversa para alguns –, o aquecimento global. Intimamente ligado à sobrevivência humana (como a pandemia), ele a princípio ainda pode ser detido, movimento que depende fundamentalmente de decisões políticas. Mas seu poder mobilizador sobre a humanidade é muito mais difuso, posto que seus efeitos mais prejudiciais ainda parecem estar por vir, e há tanto a expectativa de certo controle sobre eles quanto o cálculo de que não afetarão da mesma forma as pessoas pelo

¹ A discussão sobre a origem do vírus – a natureza ou a manipulação em laboratórios – ilustra bem esse ponto. Em meio ao embate entre USA e China, o vírus foi “atribuído” a ambos os lados. Mesmo com artigos científicos mostrando a origem natural do vírus, o debate prossegue, ainda que agora mais discreto – Luc Montagnier, ganhador do prêmio Nobel de medicina em 2008 pela co-descoberta do vírus HIV, afirmou em entrevista ao programa francês *Pourquoi docteur*, no dia 17/04/2020, que a origem do vírus era laboratorial. Para quem da disputa geopolítica, que angaria massa de manobra nos diversos países – veja-se o caso do Brasil, por exemplo – essa controvérsia parece alimentar também uma espécie de sentimento de resgate que colocaria o ser humano, de início ao menos, como agente controlador do processo. Como se a pandemia não fosse um movimento do próprio curso da natureza, mas o resultado de uma ação humana *calculada*.

* Professor do Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. E-mail: edubrand@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2325-0961>



mundo. Uma pandemia como a que enfrentamos agora, sem remédios eficazes ou vacinas, parece ter um poder de mobilização maior que uma guerra ou o aquecimento global, pois é imediata, a princípio democrática (todos podem morrer, mesmo que certas pessoas tenham mais chances de morrer do que outras) e, sobretudo, no essencial não temos controle sobre ela: o vírus é esse ínfimo pedaço da natureza que sai “violentamente” de controle, uma fratura exposta na nossa dominação sobre ela. Os esforços intensos na pesquisa de remédios e vacinas, o resgate da importância da ciência (tão vilipendiada em nossos tempos por um discurso obscurantista), são um eco dessa quebra, um movimento que visa entregar à humanidade o controle sobre esta parte da natureza que se mostra na pandemia. A quarentena, parte essencial da profilaxia para a covid-19, também ecoa essa impotência diante do vírus, ao mesmo tempo em que é, para grande parte da população mundial, o aspecto mais presente de seu engajamento como ser humano nessa peleja da humanidade.

Passados em torno de quatro meses da pandemia, e compreendidos aqui entre alguns de nós brasileiros, pelo menos em parte, os benefícios e custos do isolamento social (as piadas sobre ele já escasseiam nas redes sociais), as questões que se desdobram dos acontecimentos atuais precisam ser elaboradas – explicitadas e precisadas, por exemplo, e suas respostas encaminhadas e conduzidas pelas ciências humanas. Se as ciências exatas e, sobretudo, as biológicas agora buscam uma solução para a doença em si, as tarefas das humanidades aumentam consideravelmente com o desfecho – qualquer que seja – da pandemia. No caso da filosofia, tanto questões clássicas como recentes se impõem a ela, que talvez surja como a instância da cultura humana mais privilegiada para respondê-las – destaque que, no caso específico do Brasil, chega a ser no mínimo irônico.

Que a pandemia coloque alguns de nós de um modo diferente diante da morte, como se ela estivesse à espreita como sempre, mas constantemente próxima como nunca, é uma percepção que beira, a meu ver, o senso comum. Se para muitos esse sentimento já era conhecido, e apenas surge modificado com um novo elemento, para outros essa fragilidade maior diante da morte é novidade. Bem, lembrar aqui a morte como a fonte inspiradora da filosofia, como faz Schopenhauer², ou o *Dasein* como ser para a morte, na formulação de Heidegger, é apenas lembrar algo que soa óbvio: a morte é assunto privilegiado da filosofia, e preenche parte do sentido da existência humana. A questão se torna ainda mais intensa e complexa quando nos deparamos com um número de mortes fora do normal (num ritmo que, aumentando a cada dia, escancara uma tragédia cada vez maior). E se essa questão, digamos, existencial da morte já coloca cada ser humano que se debruça sobre ela diante da filosofia, outros aspectos ampliam esta presença.

Vários países enfrentaram, enfrentam ou enfrentarão um colapso em seus sistemas de saúde. Isso colocou profissionais diante de escolhas difíceis como, por exemplo, decidir entre seus pacientes quais receberiam tratamento. É também óbvio que a pandemia coloca uma série de questões éticas diante de nós, para muito além dessa difícil decisão que ilustramos agora. O Brasil é pródigo nesse sentido, sobretudo se atentarmos para o comportamento de algumas autoridades diante da crise. Cálculos que questionam investimentos na estrutura hospitalar para tratamento da doença face à ociosidade esperada dos equipamentos adquiridos por ocasião do arrefecimento da curva de pacientes internados são tranquilamente expostos pelo ministro da saúde; o presidente do Brasil, um genocida assumido³ desdenha *também* das mortes provocadas pelo vírus, debochadamente inclusive. O desrespeito à vida (que não é surpresa para quem vive no Brasil) apresenta-se agora,

² Cf. Cacciola, M. L. *A morte, musa da filosofia*. In Cadernos de filosofia alemã, n. 9 (2007).

³ Em suas falas públicas ele assumiu essa faceta, por exemplo por achar que a ditadura brasileira instaurada a partir de 1964 deveria ter matado pelo menos trinta mil pessoas; ou por declarar que, no exército, sua especialidade era matar.

através da figura do presidente, escancarado. O elemento antiético dessa postura tem um peso simbólico enorme: se tenho além de tudo esse exemplo de que a vida humana não vale tanto assim, por que tanto esforço em preservá-la? Para quem o discurso dessa lógica perversa e desumana é eficaz, a morte corre o risco de surgir numa dimensão onde só a minha morte ou a daqueles que importam para mim é lamentada; a vida, como direito humano fundamental, dissolve-se no mesmo movimento que vai esgarçando nosso tecido social.

Nesses rápidos exemplos, não se pode perder de vista outro aspecto central, naturalmente presente nessas questões: a dimensão política. Se continuarmos a pensar no caso do Brasil, estamos diante de um governo de extrema-direita, que busca fazer com que seus ideais fascistas orientem a organização da sociedade. Para tanto, seria preciso destruir o atual e combalido estado brasileiro: na análise de Safatle, estaríamos vivenciando aqui um projeto de implementação de um estado fascista, um estado *suicidário* (o que não significa ao fim ser uma variante de um necroestado), segundo a expressão que ele toma de empréstimo a Paul Virilio⁴. Que esse projeto foi posto em curso parece claro; que ele, cada vez mais combalido, seja consumado no Brasil, permanece dúbio. *Este* modelo de gestão neoliberal, que consegue ser piorado – por incrível que pareça – pela figura tosca de nosso presidente, desnuda-se progressivamente diante da pandemia que vai arrastando a humanidade atrás de si. Nacionalmente, tal projeto vai gradativa e lentamente perdendo apoio de mais parcelas da população; internacionalmente, a consciência da gravidade da situação da pandemia, diante da qual a atuação de nosso governo é amplamente condenada, faz do Brasil uma espécie de pária – se já o era do ponto de vista diplomático, agora também se torna isolado do ponto de vista sanitário. Um problema mundial: pois já se percebeu que a saída para a situação tem de ser coletiva e envolver todos os países.

Nesse sentido, para além do caso específico do Brasil, é valioso pensar um aspecto do modo como se constrói mundialmente a percepção da gravidade da situação da pandemia. O coronavírus democratizou o poder de matar, segundo Achille Mbembe. Se o corpo de cada um hoje pode ser uma espécie de arma e o isolamento é uma forma de controle sobre isso⁵, cada um de nós pode, se pensarmos assim, tanto matar quanto morrer. Mas o primeiro ponto – acerca do corpo – já seria uma característica, no limite, atrelada a qualquer doença potencialmente mortal e transmissível que infectasse nosso corpo. O que “democratizaria”⁶ a morte no caso da covid-19 talvez seja a ausência de remédios eficazes para o controle dos sintomas (mesmo sem cura) e a velocidade de sua propagação, combinação que torna seu controle mais difícil, tornando o isolamento social a medida de profilaxia mais eficaz no momento. *No mundo*, qualquer um pode a princípio morrer por sua causa. A covid-19 surgiu como uma doença que não se restringiu aos países periféricos, de terceiro mundo: pelo contrário, na Europa e, depois, nos EUA, seus efeitos foram e são devastadores. A morte – sobretudo em massa – de cidadãos de primeiro mundo nunca é bem digerida pela ordem internacional. As engrenagens da necropolítica⁷, que operam confortavelmente há tempos no curso da humanidade, encontram nessa situação um freio intransponível que, embora não chegue a pará-las, consegue ao menos desacelerá-las, abrindo flancos na sua marcha.

⁴ Cf. Safatle, V., *Bem vindo ao estado suicidário*. Disponível em <https://jornalggn.com.br/blog/doney/bem-vindo-ao-estado-suicidario-por-vladimir-safatle-n-1-edicoes/>. Acessado em 29/04/2020.

⁵ Cf. <https://www.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>. Acessado em 29/04/2020.

⁶ Note-se que, por exemplo, nos EUA, os negros são mais afetados pela pandemia, em função das condições em que vivem; na cidade de São Paulo, pelo menos até a data de hoje, o risco de morte é maior em bairros com pior condição social.

⁷ Cf. Mbembe, A. *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*.

Com a pandemia, entram em jogo mortes de vidas não descartáveis... A situação, por si só grave, torna-se consensualmente dramática, pois envolve pessoas que quase sempre estiveram a salvo desse tipo de acontecimento. Às mortes calculadas, corriqueiras, invisíveis e esperadas, e que são engendradas por aquele mecanismo, somam-se agora outras que tornam o anúncio desta tragédia globalmente persuasivo: é essa nova modalidade de mortes, que a ausência de medicamentos e vacina, a velocidade de propagação do vírus, a letalidade e as dificuldades da doença instauraram no mundo todo. A morte agora democratizada ganha, na medida do possível, uma face que nem mesmo a necropolítica pode desconhecer. A morte perde seu anonimato: europeus e norte-americanos estão morrendo por covid-19 sem que isso possa ser seguramente evitado, como em outros casos, via de regra, acontecia. A gravidade da situação, agora, é seguramente maior.

Mas a roda da necropolítica nunca cessa de girar. Essa democratização da morte, mesmo atingindo todos os seres humanos no mundo, não o faz de modo igual⁸. Há grupos mais propensos a morrer, países, regiões, etnias, pessoas em situação mais vulnerável que outras, mesmo nos países de primeiro mundo: rapidamente, as decisões sobre quem pode ou não morrer surgem sobre a mesa ou são escamoteadas sob ela. O cálculo genérico sobre vida e morte, que nunca cessa de existir, sintomaticamente retorna nos discursos e atos de autoridades e ecoa na opinião pública. O que para um médico pode representar uma difícil escolha ética, para esse raciocínio político é uma espécie de fatalidade. O modo como a discussão necessária dos impactos do isolamento sobre a economia é conduzida em vários países, frequentemente de maneira perversa e quase surreal, naturalizando injustiças e justificando desvios que são resultado do *modus operandi* da própria economia, atesta que a necropolítica permanece pautando, em muitos lugares, as ações no cenário desta grande crise que vivemos.

Diante deste quadro, do qual aqui só destacamos alguns pontos, a filosofia tem um papel muito importante, mas que não é novo no geral. A pandemia faz com que as suas preocupações clássicas – a morte, a ética, a política – adquiram um significado ainda mais vivo e presente. E, como sempre foi, tais questões surgem embaralhadas e pouco claras para a maioria das pessoas, ainda mais em tempos de, digamos, pós-verdade. A essas reflexões somam-se aquelas que são características de nosso tempo – por exemplo, a centralidade que a técnica tem em toda essa situação. Os filósofos, como sempre fizeram, buscam precisar os termos, aprofundar os temas, enxergar a amplitude do que se põe em jogo. O que a pandemia principalmente parece ocasionar de novidade, dada a sua extensão, é um momento privilegiado de reflexão, uma ocasião que acena para uma espécie de balanço da humanidade. O quão proveitoso isso vai ser depende de vários fatores (como, por exemplo, a extensão da crise, o embate da humanidade com o neoliberalismo, com o comunismo, etc.). A filosofia ganha nesse contexto um papel enorme, mesmo que ele não seja reconhecido por todos. E além de esclarecer os problemas envolvidos, ela deve encaminhar saídas, ajudar a encontrar caminhos, e também alertar sobre as armadilhas que ameaçam a humanidade nos

⁸ “Ao mesmo tempo, porém, a incapacidade de alguns estados ou regiões para preparar-se com antecipação (os Estados Unidos são talvez o membro mais notório deste clube), o reforço das políticas nacionais e o fechamento das fronteiras (muitas vezes acompanhado de um racismo temeroso) e a chegada de empresários ansiosos por capitalizar o sofrimento global, todos dão testemunho da rapidez com que a desigualdade radical, que inclui o nacionalismo, a supremacia branca, a violência contra as mulheres, as pessoas queer e trans, e a exploração capitalista encontram formas de reproduzir seus poderes dentro das zonas pandêmicas. Isto não deveria nos surpreender”; “A desigualdade social e econômica assegurará que o vírus discrimine. O vírus por si só não discrimina, mas nós humanos seguramente o fazemos, moldados como estamos pelos poderes entrelaçados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo”. Butler, J. *El capitalismo tiene sus limites*. In *Sopa de Wuhan*, 60 e 62.

seus percursos. Algumas dessas possibilidades já foram abordadas nesses tempos de reflexão e pandemia⁹.

Agamben viu no isolamento e nas restrições de circulação da Itália uma forma de normalização do estado de exceção como forma de governo. O texto *A invenção de uma epidemia* foi escrito em 26/02/2020¹⁰. Hoje podemos com tranquilidade objetar que essa percepção desconhecia a real dimensão da crise, e a importância do isolamento como medida de profilaxia no combate à doença. Mas, descontados os excessos desta análise, há elementos importantes para os quais o filósofo chama a atenção. Numa época em que a liberdade parece ser cada vez menos defendida como um direito humano, a questão dos mecanismos de controle dos cidadãos pelos estados não pode ser escamoteada. Mbembe chama a atenção para este ponto – tema que, sabemos, foi também central para autores como Foucault, Horkheimer e Adorno. A necropolítica, que assola países como o nosso, depende visceralmente desses mecanismos de controle, que se sofisticam sintomaticamente com o incremento da tecnologia. Não é então de se espantar que o uso de celulares para mensurar os percentuais de isolamento da população tenha sido feito. Como se o mundo administrado das previsões de Horkheimer e Adorno ganhasse temas mais contemporâneos. Tarefa realizada fundamentalmente pelo capital, tanto no neoliberalismo quanto no comunismo?

Žižek, por seu lado, é um dos que reconhecem nessa presença inesperada do vírus uma ocasião para um golpe mortal no capitalismo, uma oportunidade de reinvenção do comunismo. Nessa janela que se abre, a sociedade poderia reinventar-se. Julgamento que parece um tanto otimista, mas toca num ponto que também é central: o capital encontrou, agora, um forte oponente, e que – tudo indica – pode lhe oferecer novos limites e restaurar vários outros perdidos ao longo das últimas décadas¹¹. Por exemplo, o discurso neoliberal, que grassa no Brasil, encontrará num cenário de saída dessa primeira fase de isolamento argumentos contrários às suas intenções fortalecidos pelo atrito com a realidade. O quão fértil será esse debate é algo a se verificar. De qualquer maneira, a disputa será ainda mais feroz, pois a essa possível reinvenção (ou a um redimensionamento) da sociedade opor-se-ão tendências extremamente fortes, agressivas e devidamente manipuladas e instrumentalizadas pelo capital, como o nacionalismo, a xenofobia, o racismo, o machismo... A lista é enorme. A própria filosofia não tomará partido único nesta disputa (como já não toma): não pode haver nenhuma ilusão de neutralidade. Mas sua tarefa deve ser sempre norteadada pelo esforço por um debate bem fundamentado e preciso. Essa vocação de nascença da filosofia, que sempre a caracterizou, precisa mais do que nunca estar presente para a humanidade: nos últimos anos, essa orientação (cujo sentido chega a ser trivial para os filósofos) precisa ser resgatada e defendida. Nestes nossos tempos de “pós-verdade”, onde os fatos não mais importam para muitas pessoas, esse caráter óbvio da filosofia eclode como urgência. Tomemos um caso exemplar disso: a realidade paralela que pode ser construída no mundo virtual, com suas redes sociais, seus influenciadores, suas *fake news*, tem que ser posta a nu para a sociedade, tanto no seu conteúdo quanto no seu *modus operandi*. Se a filosofia atua nos dois aspectos, o segundo talvez seja seu campo privilegiado. Isso

⁹ Faço referência aqui a textos que surgiram numa compilação de artigos amplamente divulgada nos meios eletrônicos, intitulada *Sopa de Wuhan*. Disponível em <http://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf?fbclid=IwAR386959-q7FG9ZCeGsEFSxGBOerZNNMf3s1hmLn8nYjcieT4QA-yyx6zE>. Acessado em 29/04/2020.

¹⁰ Cf. Agamben, G. *La invencion de una epidemia*. In *Sopa de Wuhan*. Cf., do mesmo autor e na mesma coletânea, *Contagio*, de 11/03, que segue na mesma linha.

¹¹ Cf. Žižek, S. *Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo de 'Kill Bill' y podría conducir a la reinvención del comunismo* in *Sopa de Wuhan*. Cf. também Butler, J., op. cit.

significaria, por exemplo, explicitar mecanismos de dominação, de psicologia de massas, a recorrência de argumentos fascistas nas redes sociais e internet, mostrar como a técnica ajuda a manipular nossas vidas através de celulares...

Mas a filosofia já faz isso há tempos: como dissemos acima, precisa questões, encaminha respostas, desarma armadilhas. Que elas se transformem ao longo do tempo, e cada período tenha as suas perguntas, soluções e arapucas específicas não mudam esse caráter. O que essa pandemia pode sugerir de novo, sobre isso, se pensarmos no Brasil? Ora, nos momentos de crise, de incerteza, a filosofia – via de regra – se faz urgente e necessária pelas questões que então surgem. Se estamos nesse momento privilegiado de reflexão da humanidade sobre si mesma, não podemos, como filósofos, perder a oportunidade – ainda mais num país como o nosso, que atravessa um dos seus momentos políticos mais complicados. Isso significa, sem dúvida, escrever e pensar sobre a nossa realidade e nossos problemas sob o prisma da filosofia. Mas implica em algo que para muitos de nós talvez seja difícil ou impossível, ou mesmo equivocada: precisamos chegar até a parte da população que não consegue chegar até nós. Essa percepção, que aumentou em algumas universidades com o desenrolar do recente governo – traduzida num esforço de tornar visível o que a universidade oferece para a sociedade, é ampliada e presentificada pelo quadro em que estamos. É de extrema importância e urgência que a filosofia chegue a um público maior, que suas questões e abordagens possam ser compreendidas por uma parte maior de pessoas. Se olharmos para a ala ideológica que hoje ocupa grande parte do ministério da educação e do Itamaraty entenderemos – também por esse prisma – a necessidade de ocupar esse lugar que a pandemia oferece para a filosofia, retomar um espaço que, sabemos, foi em parte ocupado por quem soube aproveitar nossa ausência. Mas, para isso, talvez precisemos retirar nosso filosofar do pedestal em que ele, no geral, parece estar.

Isso parece ser a grande novidade que a pandemia traz para a filosofia no Brasil: acelerar a percepção de que é preciso ir já à busca de um público maior, conseguir atingir mais pessoas. É preciso fazer isso o quanto antes: esclarecer as pessoas sobre a dimensão da filosofia em suas vidas – sem, é claro, descuidar dos riscos do esclarecimento.

São Paulo, 29 de abril de 2020.

Referências

AGAMBEN, G., et al. *Sopa de Wuhan*. S/Local: ASPO, 2020. Disponível em <http://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf?fbclid=IwAR386959-q7FG9ZCeGsEFSxGBOerZNNMf3sihmLn8nYjcieT4QA-yyx6zE>. Acessado em 29/04/2020.

CACCIOLA, M. L. (2007). A morte, musa da filosofia. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, (9), 91-105. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.voi9p91-105>

MBEMBE, A.(2018) *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 Edições.

SAFATLE, V., *Bem vindo ao estado suicidário*. Disponível em <https://jornalggn.com.br/blog/doney/bem-vindo-ao-estado-suicidario-por-vladimir-safatle-n-1-edicoes/>. Acessado em 29/04/2020.